

1º de Abril

Projeto

A peça se passa durante a ditadura militar especificamente, de 1964 a 1985, apesar das diretas para presidente só ocorrerem em 1989. O período de distensão se passa no mandato do presidente Figueiredo e só se completa em 1989, quando então o povo brasileiro inicia o seu percurso em direção a uma democracia que se erguia sobre os escombros afetivos e morais daquilo que restou em cada um dos que viveram aqui nesse período. O título Primeiro de Abril se refere à data da revolução militar, que aconteceu na madrugada do dia 31 de março para o dia 1 de abril, o dia da mentira, ou seja, um engodo que tivemos que suportar por mais de vinte anos. A ideia é retratar esse período com as músicas de época, que proliferavam. Nesse período, os festivais de música eram bastante significativos e lançaram nomes que depois ficaram marcados como autores da resistência, como Chico Buarque, Vandr e, João Bosco, S ergio Ricardo, Taiguara, etc.

Por isso ao se criar um musical da época, a história brasileira   recontada através das letras e melodias que marcaram definitivamente o cora o de todos que viveram nesse período. O objetivo principal   mostrar para a gera o atual o que foi vivido, sofrido e reconquistado a duras penas, ou seja, a liberdade de pensar e de exercitar a democracia, que hoje desfrutamos. O segundo objetivo   levar para a gera o que viveu nesses anos de exce o - muitos ainda estão vivos, inclusive a autora da peça - a revivenciar de forma distanciada as suas dificuldades e as suas conquistas, fruto mesmo da resistência de todos por um país livre. Para que o custo do projeto não seja muito elevado, serão usadas imagens da época em que as passeatas e os movimentos políticos possam ser compreendidos por uma gera o que não participou disso, mas que necessita compreender o que significa ditadura, repressão, dissidência e coragem política. Nesta peça, fala-se de valores fundamentais como coragem, audácia, amizade, organiza o, discernimento e compreensão de movimentos autoritários que se expressam em guerras, ditaduras, opressões, e que precisam ser enfrentados com rigor por todos. O

recurso do distanciamento do teatro brechtiano foi utilizado já que a intenção não é reabrir feridas e traumas, mas mostrar em muitos momentos a discrepância, a ignorância e o non-sense da arbitrariedade autoritária dos governantes e seus capachos e cúmplices. Este distanciamento está na figura do Clown, que deve estar presente de alguma forma, deve estar lá como observador intransigente, capaz de ter um olhar crítico que uma boa parte da sociedade não tem. Pode estar flutuando acima do palco. Pode estar atrás de alguma cortina no fundo do palco expondo apenas o rosto, ou ainda sentado no meio da plateia. Enfim, ele é quem apresenta a peça, ele é a salvaguarda que temos sempre a nosso favor – o espírito crítico, o observador, o olhar por detrás da capa da legitimidade, que quase sempre não é legítima. Ele aparece logo na primeira cena quando a cantora canta O Bêbado e o Equilibrista de João Bosco e permanece até o final da peça.

Justificativa

Há um hiato entre o final da ditadura militar e os dias de hoje , o que leva o país a ter um desconhecimento total do que efetivamente ocorreu aqui num período tão próximo, mas que ficou distante porque dele não se falou mais. Acreditamos que o momento político atual só pode estar acontecendo muito em função desse silêncio, como se tivéssemos um medo enorme de responsabilizar os torturadores e seus mandatários. Quando se assiste nas redes sociais movimentos pró ditadura militar é que se percebe o quanto a geração anterior ficou devendo para esta atual a prestação de contas que acabou não acontecendo e que dela resolvemos nos esquecer. Portanto, esta peça tem a intenção do resgate, da exposição das nossas feridas para que elas sejam lembradas e jamais esquecidas para que não se repitam mais. E isso num espetáculo de qualidade, com músicas de qualidade, com atores de qualidade, com direção musical e direção geral de qualidade, pelo menos assim se espera. Através dessa peça estamos trazendo ao público uma parte de sua própria história enriquecendo ainda mais o nosso teatro, trazendo a palco as nossas melhores criações musicais e auxiliando as novas gerações nos seus enfrentamentos com uma maior consciência social de si, elevando

sua autoestima. Durante todo o período da ditadura o país está em convulsão política, acontecendo inúmeras passeatas e repressões, principalmente estudantis, mas também a intelectuais, artistas, professores e militares dissidentes, quando então muitos são presos, torturados, mortos e outros exilados. Alguns movimentos importantes de resistência aparecem, como o MR8, o VPR, o Var-Palmares, a ALN. Sequestros a personalidades importantes, como diplomatas estrangeiros, acontecem no país em troca de presos políticos. O clima todo da peça deve ser de resistência, de medo, mas também de coragem. De mostrar o que aconteceu de forma lúdica, mas honesta. A arte em geral tomou uma força descomunal também na literatura, nas artes plásticas e no teatro. Foi um período efervescente no mundo todo, maio de 68 não foi só representativo no Brasil, mas a juventude europeia e americana se levantava em prol da transformação na família, nos costumes, na forma como o mundo se organizava. A pílula anticoncepcional libertava as mulheres da escravidão da gravidez indesejada. Milhares de anos de uma sociedade estática ruía aos olhos de uma geração pós-guerra, perplexa diante das dificuldades que encontrava num mundo que ela queria transformar. E transformou. Portanto, no país, os movimentos feministas também se fortaleciam na quantidade enorme de mulheres que se engajaram na luta armada e também nos espaços políticos e sociais. Algo impensável pelas gerações anteriores.

Público-Alvo:

Estudantes universitários, professores, intelectuais, artistas, terceira-idade e o público em geral. Pode-se abrir para alunos dos últimos anos do ensino médio, em Projeto-Escola, dada a quantidade de estudantes em ocupação dos muros escolares sempre que há necessidade de enfrentamento.

Contrapartida

O Patrocinador:

1 – Terá a possibilidade de se associar a um produto de importância histórica, que atrairá uma enorme quantidade de pessoas de todas as idades.

2 - Terá sua logomarca associada a um produto de alta qualidade, veiculada em todas as peças de divulgação do espetáculo, seja na mídia impressa, radiofônica e televisiva.

3 - Poderá associar além da marca, um ou mais produtos de sua empresa a serem veiculados junto ao público.

4 - Na abertura de cada espetáculo, a produção fará a devida menção ao patrocinador, com o conseqüente agradecimento. Usando sempre que possível a palavra “Apresenta”.

5 - Terá estreia exclusiva junto com a grande imprensa, cuja apresentação será voltada para convidados do patrocinador e convidados do elenco artístico e formadores de opinião, inclusive educadores.

6 - Serão disponibilizados para os patrocinadores dez por cento dos convites graciosamente em todos os espetáculos.

Personagens:

Seis atrizes e sete atores, num total de treze, que se desdobram em personagens.

Evidente que as montagens podem ser mais modestas, excluindo alguns personagens e figurantes, mas procurando não perder o conteúdo das falas e o clima da época.

Clown - Este personagem deverá ficar em toda a peça, como se fosse um narrador silencioso, que mostra as cenas. Ele será o elemento questionador, que criará um distanciamento proposital entre a plateia e o palco. Em alguns momentos ele ri, em outros ele chora, sempre com mímica e jamais com a voz. O clown deve ser bem original, sem imitações do Chaplin ou coisa parecida. Ele é a personificação do non-sense da ditadura e pode ter pendurados em seu corpo elementos como faca, tesoura, serrote, mas também linha de bordar, agulhas, esparadrapo, como se ele fosse o torturador e o curador ao mesmo tempo, materiais que ele pode sugerir à plateia em alguns momentos de como usar. Pode ser homem ou mulher, não importa. Importa ele ser o elemento questionador típico do teatro brechtiano. Ele deve imitar os personagens em suas cenas, como se os estivesse representando.

Todos os personagens usam em volta do pescoço uma corda grossa com o nó do enforcado como colar, com exceção do Clown. Não tirarão a corda nem no final da peça na intenção do espectador sair do teatro com a corda no pescoço. E as cenas familiares se passam na mesma sala, só mudam os móveis de lugar e os personagens.

Mariana – 20 anos, vai se casar com Pedro. Estudante da UFRJ. Pedro é dado como desaparecido e ela acaba por se casar com Bruno. Alienada politicamente, aos pouco vai entendendo o que está acontecendo no país.

Pedro – 20 anos, noivo de Mariana, estudante da UFRJ, militante do PC do B, morre no Araguaia e não vem para o seu próprio casamento. Desaparecido, aparece apenas no início da peça.

Júlia, mãe de Mariana – 50 anos, alienada, aos poucos vai tomando consciência do que acontece no país. Participa da “Marcha da família com deus pela liberdade” em 1964, e depois na “Passeata dos cem mil” quando percebe que o noivo da filha desaparece na mão dos militares.

Ernesto, pai de Mariana – 50 anos, simpatizante da esquerda, mas pacífico, não toma parte em nada porque tem medo. Também vai para a passeata dos cem mil.

Lígia – 25 anos, jornalista e dona de casa, casada com Gustavo. Amiga de Mariana. Os dois – ela e Gustavo - são fichados pelo DOPS. Lígia é séria e compenetrada, de poucos risos. Mas vai ficando mais séria ainda no desenrolar da peça.

Gustavo – 25 anos, família de militares, amigo de Paulo, casado com Lígia. Ativista político, mas só começa esta atividade na época da distensão.

Vera – 20 anos, amiga de Lúgia, casada com Paulo. Amiga de Mariana. Alegre, mas vai ficando menos alegre no desenrolar da peça.

Paulo – 30 anos, irmão do Tavinho, que desapareceu, e protege a cunhada Patrícia. Casado com Vera. Não tem atividade política. Nem ele nem Vera, só ao final, na distensão.

Patrícia – 25 anos, casada com Otávio (Tavinho). Ela é jornalista e ele era da UNE, estava cursando Sociologia no IFCS, era do MR8. Tem dois filhos. Um recém-nascido e um de dois anos. Ela é levada para a tortura junto com o filho de 2 anos, que morre torturado. Cunhada de Paulo e Vera. Amiga de Lúgia. É a personificação do que aconteceu com algumas mulheres que foram presas. Fica desempregada e passa a fazer revisão de livros para uma editora. Otávio é dado como desaparecido.

Carla e Paula – amigas de Lúgia, Vera e Mariana, em torno dos 20 anos.

Militar torturador- patente média – cantor e dançarino

Dois militares torturadores – estudantes de tortura – cantores e dançarinos. Que podem ser policiais em outros momentos.

2 policiais figurantes – cantores e dançarinos

Bastião – 40 anos, jagunço do sertão de Pernambuco, casado com Maria. Os dois são também militantes políticos.

Maria – 40 anos, casada com Bastião, mora no sertão de Pernambuco.

Mulher do sertão – 40 anos

Solicite projeto detalhado e orçamento clicando aqui